

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

JOÃO PAULO DA SILVA OLIVEIRA

**A FILOSOFIA DAS ARTES MARCIAIS: INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO
PARA UMA EDUCAÇÃO QUE SE OPOÑHA À AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA
NA PRÁTICA DAS LUTAS**

GOIÂNIA-GO

2020

JOÃO PAULO DA SILVA OLIVEIRA

**A FILOSOFIA DAS ARTES MARCIAIS: INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO
PARA UMA EDUCAÇÃO QUE SE OPOŊHA À AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA
NA PRÁTICA DAS LUTAS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito de avaliação parcial do Curso de Licenciatura em Educação Física, na disciplina EFI 1612 – Monografia II.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Veloso Ventura

GOIÂNIA-GO

2020

JOÃO PAULO DA SILVA OLIVEIRA

**A FILOSOFIA DAS ARTES MARCIAIS: INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO
PARA UMA EDUCAÇÃO QUE SE OPOÑHA À AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA
NA PRÁTICA DAS LUTAS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Roberto Veloso Ventura
Professor Orientador

Prof. Dr. Thiago Camargo Iwamoto
Professor Parecerista

RESUMO

Para este estudo, intitulado como A Filosofia das Artes Marciais: instrumento de intervenção para uma educação que se oponha à agressividade e violência na prática das lutas, fez-se o levantamento de produções com proximidades ao tema pesquisado. A agressividade e violência é algo presente com muita incidência em nossa sociedade, esse tema se reflete em ações por diversos segmentos trazendo danos nas pessoas e principalmente para a humanidade. Neste trabalho, além da apresentação da filosofia presente nas artes marciais, utilizamos essa como meio de intervenção para uma educação que seja resistente contra agressividade e violência. Muitas artes marciais possuem ensinamentos milenares que podem auxiliar no processo de formação, pessoas com mais ética, moral, responsáveis e humanas. Conclui-se que o ensino dessas artes, se elaborado com fundamentos específicos, em ambiente correto e com responsáveis aptos a ministrar os ensinamentos “além de ações e diálogos”, é possível intervenção positiva na formação de pessoas.

Palavras-chave: Artes marciais; formação humana; Lutas; Agressividade; violência.

ABSTRACT

For this study, entitled The Philosophy of Martial Arts: intervention instrument for an education that opposes aggression and violence in the practice of fights, a survey of productions was carried out close to the researched theme. Aggressiveness and violence is something that is very prevalent in our society, this theme is reflected in actions by different segments, causing damage to people and mainly to humanity. In this work, in addition to presenting the philosophy present in the martial arts, we use it as a means of intervention for an education that is resistant against aggression and violence. Many martial arts have ancient teachings that can help in the training process, people with more ethics, morals, responsible and human. It is concluded that the teaching of these arts, if elaborated with specific foundations, in a correct environment and with responsible people able to teach the teachings “in addition to actions and dialogues”, positive intervention in the formation of people is possible.

Keywords: Martial arts; human formation; Fights; Aggressiveness; violence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1	9
REFERENCIAL TEÓRICO	9
1.1 Artes Marciais, Lutas e Modalidades Esportivas de Combate	9
1.2 Filosofia das Artes Marciais	12
1.3 Agressividade e Violência	15
1.4 Formação Humana	19
1.5 Formação em Educação Física.....	22
CAPÍTULO 2	27
ABORDAGEM EMPÍRICA.....	27
2.1 Metodologia.....	27
2.2 Análise dos Dados Empíricos	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

Em nossa realidade temos vivenciado, no decorrer dos anos, a forma gradativa como as pessoas estão mudando o seu comportamento social. Ao observarmos as atitudes e a maneira de agir de cada um, percebemos que essas alterações são perceptíveis, não restando dúvidas sobre este movimento. Essa alteração no comportamento com mudanças de atitudes tem ocorrido em maior proporção entre as crianças, adolescentes e jovens visto que, além dos aspectos físicos, estes grupos demonstram atitudes rudes, agressivas e violentas, que nos levam a refletir sobre para onde estamos caminhando.

Atualmente vemos que grande parte das crianças, adolescentes e jovens apresentam ações divergentes do esperado por seus familiares e professores, pois, são diversos os casos em que professores e familiares relatam terem sofrido ou já terem presenciado alguma ameaça e, em certos casos, até um momento de violência por parte de filhos ou alunos.

Com a tecnologia que temos acesso é notável que houve mudanças e elas estão próximas de nós. Quando ligamos a televisão, ouvimos alguma notícia ou deslizamos o dedo sobre a tela dos Smartphones, muitas vezes encontramos relatos sobre crianças, adolescentes ou jovens que cometeram ameaças, agressões leves ou graves e até mesmo assassinatos.

Neste sentido, ao observarmos as artes marciais de forma mais minuciosa, podemos encontrar um recurso para combater a realidade exposta. São diversas as modalidades de lutas existentes e cada uma delas com características diferentes, mas com uma filosofia similar. Essas características fazem com que, em cada estilo haja uma forma de agir. Mesmo assim, ao aprendermos algum estilo a primeira coisa que precisamos discernir é que aquela luta não pode ser utilizada como uma “arma” para violentarmos alguém.

Ao começar a praticar um estilo de luta aprendemos também a necessidade de respeitar o próximo, independente de quem seja é preciso respeitar o professor ou mestre, familiares. Além de respeito, com o tempo de prática, reflexão e experiências é possível a longo prazo que o(a) praticante internalize novos valores. Sendo assim, nos propomos neste estudo a compreender melhor as artes marciais. O trabalho tem como título “A Filosofia das Artes Marciais: instrumento de intervenção para uma educação que se oponha à agressividade e violência na prática das lutas”.

Se iniciarmos em algum estilo de Artes Marciais, em que se respeite a filosofia das lutas, com professor competente e preparado para ensinar tal modalidade é possível que alunos com características agressivas ao ponto de serem violentos com os colegas e familiares aprendam a ser mais equilibrados e pacíficos tendo como consequência melhorias no comportamento social?

Espera-se que uma pessoa, preferencialmente criança, adolescente ou jovem, ao iniciar a prática de um estilo de Artes Marciais como o Jiu-Jitsu, Karatê, Taekwondo ou Judô, aprenda no decorrer do processo com seu professor ou mestre a ser mais racional, menos violenta, mais tranquila, mais sociável, enfim, mais humana. Com o decorrer das aulas e a participação ativa dos alunos na modalidade, acreditamos que além de melhoria no comportamento, esse indivíduo tenha melhorias significativas na forma de tratar as pessoas que estão ao seu redor apropriando de valores morais e éticos.

Para alcançarmos o proposto, no presente trabalho, faz-se necessário investigar a filosofia das artes marciais e utilização destas como instrumento de intervenção para uma educação que se oponha à agressividade e violência na prática das lutas.

Este pesquisador vivenciou por um período as artes marciais, na modalidade Jiu-Jitsu, tempo suficiente para perceber a importância do ensino que as Artes Marciais, em específico a mencionada, promovem na vida de seus praticantes.

Contribuir para que possamos compreender a importância desta prática é valorizar a diferença que ela pode fazer na vida das pessoas, transformando a concepção do senso comum de que as artes marciais estimulam a violência. Em oposição a esta premissa, praticar lutas com professores preparados impactam de forma positiva a realidade de muitas crianças, adolescentes e jovens, transformando suas atitudes no processo das relações sociais, na relação com o outro.

Neste contexto, professores que tenham um olhar diferente para as artes marciais e se motivem pela sua essência, a filosofia milenar e histórica dessas práticas corporais, envolverão crianças, adolescentes e jovens dentro de escolas ou em outros ambientes em um processo de formação humana, dando mais acesso à sociedade de forma geral para participar efetivamente.

Este trabalho está estruturado por uma introdução, dois capítulos, as considerações do autor e referências, um capítulo que trata do referencial teórico e outro que aborda a metodologia e os dados empíricos levantados. No primeiro capítulo

se discute as artes marciais, lutas e modalidades esportivas de combate; a filosofia das lutas; a agressividade e violência nessas práticas corporais; formação humana e formação em educação física. No segundo capítulo está apresentada a metodologia que deu aporte ao trabalho e a análise dos dados empíricos.

Essa pesquisa se destina para acadêmicos do curso de Educação Física, professores ou pessoas em geral que tenham interesse nessa área e que queiram aprender mais sobre as artes marciais, pois as informações e dados aqui descritos poderão provocar nos leitores reflexões, interesses ou esclarecimentos sobre essas temáticas.

CAPÍTULO 1

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Artes Marciais, Lutas e Modalidades Esportivas de Combate

Antes de dialogarmos sobre as lutas e as variações destas, é importante destacarmos que em suas mais diversas possibilidades elas estão em nosso meio a milhares e milhares de anos. Cintra *et al.* (2016) dizem que as lutas, seja como esporte de combate ou artes marciais, atualmente são utilizadas em praças, escolas ou clubes como processo educativo, esporte de alto rendimento ou até mesmo lazer.

É necessário pontuarmos que, cada local em que se tenha presente a temática luta ou artes marciais, existem objetivos e propostas diferentes, portanto a metodologia utilizada para a prática de uma modalidade esportiva é diferente caso a aplicação fosse direcionada para a área escolar. A diferença ocorre, pois são áreas, objetivos e intenções diferentes.

Encontramos no meio científico muitas informações sobre o surgimento das lutas e artes marciais, muitos autores que se referenciam em outros pesquisadores cujas divergências são explícitas. Ferreira (2006, p. 38) diz que:

A origem das lutas e das artes marciais continua sendo uma incógnita. Os gregos tinham uma forma de lutar, conhecida como “pancrácio”, modalidade presente nos primeiros jogos olímpicos da era antiga. Os gladiadores romanos, já naquela época, faziam o uso de técnicas de luta a dois. Na Índia e na China, surgiram os primeiros indícios de formas organizadas de combate.

O autor defende que a historicidade sobre como e quando surgiram as lutas é complexa e difícil de ser definida, pois naquele período muitos mestres não transmitiam seu conhecimento facilmente, esse que era repassado de forma oral para seus discípulos e dessa forma seguia por narrativas de uns para os outros, não ficando documentos registrados.

Para Cintra *et al.* (2016, p. 128),

As lutas sempre estiveram presentes em nossa história, desde a antiguidade com os gregos, romanos e vários outros povos e, em destaque, os asiáticos, os quais treinavam desde criança para se prepararem para as guerras e para própria sobrevivência, até nos dias atuais onde as lutas estão divididas em várias modalidades como o karatê, capoeira, boxe, muay thai, jiu jitsu, e entre outras advindas da cultura japonesa e chinesa, como o kung fu, aikido, o judô

e outras, que utiliza armas que foram confeccionadas a partir de ferramentas de trabalhos.

Sobre o surgimento das lutas, segundo Alves Junior (2001, *apud* FERREIRA, 2006, p. 38),

Na história da humanidade quando levamos em consideração o estágio já urbano, ao se fazer uma breve gênese das lutas, observamos que não foram poucos os registros encontrados nas mais diversas civilizações. Remontando entre os anos 3000 e 1500 a.C., os sumerianos deixaram imagens de três duplas de lutadores representando diversas fases de uma luta, com características que D. Palmer e M. Howell (*In: Blanchard, Chelska, op. cit.*) consideraram como sendo, “uma das provas mais antigas” do que hoje entenderíamos como atividade de luta. Outras evidências de práticas de lutas também foram encontradas em outras culturas, através dos desenhos encontrados dentro da tumba egípcia de Beni Hassan (Henares, 2000) e também em Creta, por volta de 2000 a.C. (Blanchard e Chelska, *op. cit.*).

Percebe-se que as informações que temos sobre lutas e artes marciais são informações diretamente ligadas a várias culturas, períodos e lugares diferentes. Nas palavras de Ferreira (2006, p. 38), muitas informações nos levam a crer que os sistemas variados de lutas chegaram à China e Índia no século V a.C., por meio do comércio marítimo.

Independente do local preciso em que temos informações sobre o surgimento dos sistemas de lutas, sabe-se que o budismo teve grande influência sobre estes no oriente, principalmente no Japão, China, Coréia, Índia e em alguns países do Sudeste Asiático (FERREIRA, 2006).

Dos três termos propostos para serem esclarecidos neste capítulo dois deles possuem significados muito próximos, com isso muitas vezes acabam sendo utilizados de forma equivocada, por mais que sejam próximos estes possuem particularidades e se faz necessário sua distinção.

Ao descrever sobre as lutas, os autores tratam do termo como forma de domínio ou conflito entre pessoas. Correia e Franchini (2010, p. 1) dizem que,

No sentido lato, temos a situação em que o referido termo se circunscreve no contexto dos embates físicos/corporais por intenções de subjugações entre os sujeitos a partir de conflitos interpessoais e, invariavelmente, por conteúdos humanos contraditórios e ambivalentes.

Sobre luta, os PCNs a definem como (BRASIL, 1997, p. 49, *apud* ANTUNES, 2009, p. 2),

[...] disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade. Podem ser citados como exemplo de lutas desde as brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas da capoeira, do judô e do caratê (BRASIL, 1997, p.49).

Neste trabalho não pretendemos discutir sobre o significado da palavra ou apontar qual ou quais autores o definem de forma mais completa ou correta, utilizaremos os conceitos destes autores como base para dialogarmos sobre o proposto e nos posicionarmos a respeito.

O termo arte marcial faz referência às práticas do movimento corporal de militares, que são constituídas por movimentos mais bem elaborados e sistematizados para utilização em guerras ou que possui uma determinada técnica. Correia e Franchini (2010, p. 1):

Arte Marcial faz referência a um conjunto de práticas corporais que são configuradas a partir de uma noção aqui denominada de “metáfora da guerra”, uma vez que essas práticas derivam de técnicas de guerra como denota o nome, isto é, marcial (de Marte, deus romano da guerra; Ares para os gregos).

Ao descrever sobre arte marcial (ANTUNES, 2009, p. 5),

[...] a arte marcial é um método composto por um conjunto de técnicas que, aprendidas e treinadas, podem levar o indivíduo a um nível de desenvolvimento das aptidões física, mental e espiritual, propiciando-lhe condição de superar ou adaptar-se com sucesso a situações e fatos adversos ou inesperados, utilizando-as simultaneamente com criatividade, seja de maneira premeditada ou espontânea, objetivando o bem comum.

Com o decorrer dos anos as lutas e artes marciais foram passando por mudanças que, com o aumento da quantidade de pessoas nesse meio, automaticamente foi necessário maior desenvolvimento dos movimentos, das técnicas e com isso seu alcance maior na participação das pessoas, ao qual antes, apenas um pequeno grupo tinha acesso; com o passar do tempo, outras pessoas também tiveram a oportunidade de participar.

Nos tempos modernos tivemos o que chamamos hoje de modalidades esportivas de combate que, de acordo com Correia e Franchini (2010, p. 2),

A denominação Modalidades Esportivas de Combate implica uma configuração das práticas de lutas, das artes marciais e dos sistemas de combate sistematizados em manifestações culturais modernas, orientadas a partir das decodificações propostas pelas instituições esportivas. Aspectos e conceitos como competição, mensuração, aplicação de conceitos científicos, comparação de resultados, regras e normas codificadas e institucionalizadas, maximização do rendimento corporal e espetacularização da expressão corporal são alguns exemplos dessa transposição moderna de práticas seculares de “combate”.

Atualmente temos muitas confederações e federações diretamente ligadas com as lutas e artes marciais, além destas existem muitos eventos esportivos como as Olimpíadas, Paralimpíadas, UFC (*Ultimate Fighting Championship*), dentre outros que podem ser utilizados como exemplos das modalidades esportivas de combate.

1.2 Filosofia das Artes Marciais

O tema sobre artes marciais, além de aspectos técnicos ou ações de ataque e defesa engloba algo muito mais complexo e consistente. Ao descrevermos sobre filosofia das artes marciais estamos abordando a parte filosófica desses movimentos e estilo de vida, junto com seu início e expansão para todo o globo terrestre vários ensinamentos estão interligados, ensinamentos como de onde surgiu, cultura da região, forma de pensar, vestimentas, saudações etc.

Quando abordamos a temática artes marciais muitas vezes não a associamos com os princípios orientais, visto que, devido a uma divulgação distorcida delas, grande parte das vezes, principalmente quando não sabemos sobre os princípios desse sistema, fazemos uma comparação com violência, agressividade, brigas e confusões. Pensarmos isso não é errado, tendo em vista o que a mídia divulga diariamente de forma constante e os eventos capitalistas que estão cada vez mais presentes em nossa sociedade.

Sobre algumas características do oriente é importante destacarmos a fala de Bandeira (2006, p. 11):

A cultura e a educação no extremo oriente, mais especificamente dos países berços das artes marciais, baseadas no zen-budismo, ou seja, na doutrina filosófica alicerçada na espiritualidade, meditação e concentração, como é o caso do Japão, Coréia e China, apresentam aspectos bastante distintos dos conhecidos pelos povos ocidentais. O conhecimento destas diferenças, a compreensão da visão educacional do oriente e a importância de uma simbiose de ambas é fundamental para a construção de um mundo melhor.

Com a ocidentalização de algumas artes marciais, propagação destas para mais lugares e órgãos responsáveis para gerenciar regras, houve aumento do público. Porém, esse reconhecimento foi sendo direcionado aos poucos para o âmbito esportivo e com isso a filosofia por trás desse sistema foi sendo deixada de ser explorada e aprendida.

Vamos abordar nos parágrafos seguintes algumas artes marciais que possuem em sua filosofia aspectos que são relevantes para o autoconhecimento, e assim consequentemente que visam contribuir para a formação do ser humano. Ao comentar sobre o Karatê, Bandeira (2006) diz que nas aulas é de suma importância o desenvolvimento de uma educação integral, formação baseada no caráter e na não violência, para que assim os alunos retribuam sendo cidadãos conscientes e propagadores de paz, por onde forem.

Descrevendo alguns aspectos sobre o Karatê, Bandeira (2006, p. 15) diz que,

O karate é uma arte marcial, baseada na filosofia oriental, na qual busca-se o aprimoramento físico e mental unido ao espiritual, por meio de movimentos sincrônicos e sistemáticos, previamente elaborados com métodos e técnicas especiais, utilizando golpes com todas as partes do corpo, principalmente mãos e pés, que conduzem ao praticante, gradativamente, certa concentração mental, ordem íntima, vida saudável, e, sobretudo, um bom relacionamento em todas as atividades humanas.

Nos dias atuais existem grandes mestres e professores dessa arte marcial “karatê” que seguem o ensinamento oriental baseando-se nas doutrinas filosóficas, mas, em contrapartida, percebemos que também existem muitos mestres e professores que estão diretamente ligados com o campo dessa arte e que a direcionam para campeonatos competitivos. Neste cenário, perde-se a essência da arte.

O Karatê pode ser dividido em dois momentos, Prado (2009) diz que relatos sobre o surgimento dessa modalidade teve início na ilha Okinawa, ao sul do Japão, e que na antiguidade foram desenvolvidas diversas formas de combates sem armas, mas que isso ocorreu e permaneceu debaixo de segredo.

O outro momento refere-se ao Karatê moderno que, de acordo com a Confederação Brasileira da modalidade Karatê e a Federação Gaúcha de Karatê (2009),

O karatê moderno surgiu quando o falecido mestre Gichin Funakoshi (1868-1957), que na época era líder da Sociedade Okinawa de Artes Marciais, foi solicitado pelo Ministério da Educação do Japão a conduzir apresentações de karatê em Tóquio, em maio de 1922. A nova arte foi muito bem aceita e introduzida em diversas universidades, onde "criou raízes e começou a florescer" (*apud* PRADO, 2009, p. 5).

Após o Karatê ter sido desenvolvido por Funakoshi e alguns valores serem internalizados, Silva (2004) destaca que existem princípios básicos que foram criados para auxiliar que o praticante desenvolva o fortalecimento e valorização do “eu interior”, a finalidade dos ensinamentos é sobre aperfeiçoar o caráter de quem pratica a modalidade (*apud* PRADO, 2009, p. 20).

Quando escrevemos Karatê a palavra está incompleta, é necessário que seja acrescentado o termo “do” que significa (caminho), dessa forma a escrita completa é Karatê-do. Bandeira (2006) relata que o termo “do” representa o aporte que o zenbudismo oferece àqueles que são adeptos das artes marciais para percorrerem esta estrada. Oliveira Filho (1993, p. 5) afirma que “do é a filosofia que conduz o homem a encontrar sua própria essência, percorrendo tal via conhecida como *budo* ‘caminho da iluminação’” (*apud* BANDEIRA, 2006, p. 19).

Outra arte marcial que é necessário dialogarmos refere-se ao Judô, ao criar o Judô, Jigoro Kano fez diversas adaptações no estilo da arte marcial, foram aperfeiçoados métodos para desenvolver o físico e intelecto do ser humano e, com essas mudanças, o Judô passa a ter significados importantes auxiliando seus adeptos a terem como objetivo, uma clara ideia da vida (BONFANTE, 2015).

Descrevendo características sobre Jigoro Kano, Bonfante (2015, p. 5),

O instrutor Kano cursou filosofia em Tóquio, tinha baixa estatura e porte físico magro, sendo que o mesmo relatava que tudo na luta é baseado em técnica e não força, propondo continuamente essa reflexão, de que nem sempre o de maior tamanho é o mais forte.

Jigoro Kano, de acordo com a Confederação Brasileira de Judô (*apud* SILVA NETO *et al.*, 2013, p. 127),

Praticante de estilos antigos de *ju jitsu – kito ryu e tenshin shinyo ryu*, Jigoro Kano procurou adaptar e remodelar tais estilos de luta, com o objetivo de modernizar as práticas de seu tempo para o desenvolvimento de um modelo mais voltado ao caminho ou “DÔ”, como forma de educação integral, representado por três princípios: JU - Suavidade, SEIRYOKU ZEN YO - Máxima eficiência com mínimo de esforço e JITA KIOEY - bem estar e benefícios mútuos.

Com isso, no Judô, se aplica as técnicas visando utilizar a força da outra pessoa, contra ela mesma. Quando identificamos características particulares dessa arte marcial e a comparamos com outras, percebemos que no Judô a força não é utilizada como em outras artes marciais, pois na grande maioria das artes marciais a força é um fator determinante enquanto no Judô é apenas um detalhe.

Sobre o significado do Termo Taekwondo, Silva Neto *et al.* (2013, p. 149) apresentam que “sua tradução, ao pé da letra é: tae – pé; kwon – mão; do – caminho. O significado é ‘o caminho dos pés e das mãos’. Melhor dizendo, o taekwondo é ‘a arte de usar as mãos e os pés na luta através da mente’”.

De acordo com Silva Neto *et al.* (2013), o taekwondo é uma arte marcial de raiz coreana, que começou a ser documentada cerca dois mil anos. Mesmo que essa arte seja tão antiga, de acordo com Lee, *et al.* (1988, p. 15 *apud* SILVA; VIANNA; RIBEIRO, 2007, p. 3) “O que pode causar surpresa é que o nome taekwondo, na verdade, só foi criado em 1955 pelo então General Choi Hon Hi com a união das diversas artes marciais existentes da época”.

Essa arte marcial milenar chamada taekwondo, possui elementos que podem auxiliar no processo de formação de seus praticantes, os alunos além dos movimentos e técnicas aprendem a sobre importância da disciplina, respeitar os mais velhos e mais graduados (SILVA NETO, 2013).

No desenvolvimento das aulas de taekwondo percebe-se que além de movimentos técnicos utiliza-se elementos como cortesia, integridade, perseverança, autocontrole e espírito indomável (SILVA NETO, 2013, p. 150). Elementos esses que, sendo dialogados com os alunos e associados aos movimentos da arte contribuem para a formação do ser humano integral.

1.3 Agressividade e Violência

Algo que merece devida atenção e que muitas vezes passa despercebido por nós é o tema sobre agressividade e violência. No decorrer da historicidade humana, em todo globo terrestre percebemos atitudes violentas por parte das pessoas ou grupos de pessoas, atitudes estas que envolvem guerras, brigas, xingamentos, disputas de territórios e outros. Tais eventos ocorrem sempre com objetivo de uma pessoa ser ou se tornar superior a outra, superioridade em bens materiais ou até mesmo superioridade em questões pessoais que alimentem o próprio ego.

Quando olhamos e analisamos minimamente a trajetória do homem na História, identificamos de forma imediata que ela é repleta de acontecimentos trágicos, incontáveis guerras que levam à morte milhões de seres vivos inocentes, homens, mulheres, crianças, animais, mortes essas que ocorrem de forma cruel e sem nenhuma justificativa. Pensar sobre isso pode nos levar a associar o ser humano à crueldade e maldade, pois muitas vezes suas atitudes foram nessas condições.

Nos dias atuais, digamos nos tempos modernos, essas brigas e guerras ainda ocorrem diariamente. Segundo Bandeira (2006, p. 8),

A sociedade atual apresenta um ritmo agitado e uma crescente onda de violência, deixando as pessoas mais inseguras e estressadas. Colaborando com este clima, se desenvolve cada vez mais uma visão competitiva e materialista de vida, tornando o ter mais importante do que o ser.

Atualmente, no século XXI, percebe-se grande aumento na quantidade e variedade de canais de comunicação que, somados com o surgimento da internet e smartphones permitem às pessoas receber e enviar informações de forma imediata. Hoje, grande percentual da população possui acesso a esses canais, neles grande parte das notícias referem-se a agressões e violências, fatos estes que envolvem diversos tipos de pessoas: crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, ricos, pobres, pessoas de classe média, pessoas de todos os tipos de etnias, heterossexuais, homossexuais e outros. Esse tipo de informação nos leva a acreditar que ações de violência podem ocorrer a qualquer momento e com qualquer tipo de pessoa. Bandeira (2006), ao comentar sobre os meios de comunicação, diz que esses “sejam digitais, físicos, jornais, internet, televisão ou rádio” publicam e apresentam diariamente a violência nas mais diversas formas, violências em plano local que se refere a acontecimentos locais e em plano mundial, como ações terroristas ou de guerras.

Para além dos tipos de ações violentas mencionadas é necessário analisarmos algo que ocorre diariamente e que “tem sido mais frequente” em escolas ou em vários lares familiares; percebe-se hoje que crianças, adolescentes e jovens possuem muitas ações violentas. Não é novidade quando alguém comenta ou lê algum artigo sobre esse tipo de assunto, muitas vezes vemos alguma notícia de crianças ou adolescentes que tiveram algum tipo de briga, xingaram o colega ou até mesmo os pais, familiares e professores. Algumas vezes ocorrem ações mais graves, ações essas que

envolvem vítimas em brigas que na grande maioria das vezes ocorrem devido essas pessoas não conseguirem canalizar seu sentimento de raiva.

Hoje, muitas vezes parece normal presenciarmos esses tipos de atitudes, pois é algo que tem acontecido cada vez com mais frequência, em todos os lugares; um que merece a devida atenção em relação ao aumento do índice de agressividade se dá nas escolas. Segundo Becker e Kassouf (2016, p. 654) “A violência na escola constitui-se em um grande problema social e pode ser vista como um comportamento agressivo que abrange os conflitos interpessoais, os danos ao patrimônio e os atos”.

A escola possui grande importância nesse aspecto, pois, muitas vezes é nesse momento que o aluno ou aluna com características violentas pode passar por mudanças significativas e tornar-se uma pessoa melhor. Crianças e adolescentes passam grande parte do dia nas escolas, normalmente neste momento é que ocorrem atitudes violentas por partes delas. De acordo com Becker e Kassouf (2016), a escola tem grande importância na identificação desses alunos ou alunas, com características violentas. Muitas vezes os pais presenciam atitudes violentas por parte de seus filhos e não procuram uma forma de intervir. Quando não ocorre uma intervenção no tempo correto esse sujeito tende a desenvolver atitudes violentas.

Considera-se que uma criança ou adolescente, ao iniciar sua trajetória para estudar em alguma escola, já aprendeu e internalizou determinadas informações que podem ser positivas ou negativas. Esse aprendizado se deve a sua experiência diária com a família ou pessoas que estão diretamente ligadas a esse sujeito em seus dias, muitas vezes a criança ou adolescente aprende a ser agressivo ou violento dentro de casa ou devido à grande presença de violência ao seu redor. Segundo Valadão (2014, p. 85),

O desempenho dos pais na atualidade está sendo insuficiente quando executam suas funções, materna e paterna. Este fato vai afetar a construção da subjetividade de seus filhos, podendo fazer com que estes produzam alguns sintomas como, por exemplo, a violência, pois o sintoma é a denúncia de alguma situação de conflito e sofrimento.

Ao dialogar sobre agressividade e violência é necessário exemplificar esses termos, visto que, muitas vezes são generalizados e associados como se tivessem o mesmo significado. Ao discorrer sobre agressividade, Valadão (2014, p. 81),

A agressividade é geralmente negada, disfarçada e escondida pelos indivíduos, poucas pessoas se reconhecem como agressivas e cruéis, por

não ser algo aceito e bem visto em nossa sociedade, em que se pode observar o processo civilizatório se inscrevendo e educando os cidadãos. As crianças são educadas desde cedo a reprimirem sua agressividade, até que encontrem condições e mecanismos para canalizarem os impulsos agressivos para produções socialmente aceitas. No processo de socialização é esperado que o indivíduo forme vínculos com outros membros do grupo social, para que as normas e regras sociais sejam internalizadas. Desta forma, o homem é sucumbido às leis sociais pela instância psíquica do Superego.

Ainda sobre agressividade, Vilhena e Maia (2002, *apud* Oliveira, 2010, p. 46), “afirmam que a agressividade é algo inerente ao próprio processo de construção da subjetividade, atuando no sentido de organizar a rede de identificações de cada sujeito”. Dessa forma é possível percebermos que quando abordamos sobre agressividade ela está diretamente ligada ao ser humano.

Descrevendo sobre violência, Costa (2003, *apud* VALADÃO, 2014, p. 81),

Afirma que existe um desejo específico de causar mal a alguém, fazer o outro sofrer quando a agressividade é posta em ação através de atos violentos. A violência está marcada por um desejo, é o emprego deliberado da agressividade; desta forma, não se deve pensar em uma violência instintiva, pois toda a ação violenta possui uma intenção destrutiva, o que marca a diferença entre agressividade (constitutiva do sujeito) e violência. (*apud* VALADÃO, 2014, p. 81).

É necessário que, com o decorrer do tempo, esse tipo de diálogo sobre “agressividade e violência” fique mais presente na vida das pessoas, pois quanto menos falarmos sobre isso, mais pessoas estarão sem orientação correta. Todos nós seres humanos, podemos ser agressivos ou dependendo do momento, até violentos, “violência” essa que pode se manifestar de forma física ou verbal. O que nos impede de machucar alguém ou não, como também dar continuidade em uma briga, serão nossos princípios, experiências, aprendizados e principalmente a forma de lidar com situações adversas, os parâmetros definidores de nosso comportamento.

Para Ueno e Sousa (2014), a violência deve ser entendida de várias formas, por comportamentos ativos ou passivos, motor, verbal, mas que tenham como objetivo prejudicar alguma pessoa de forma direta ou indireta. Portanto, trata-se de ações em que uma pessoa tenha consciência que está prejudicando a outra.

Infelizmente não é de hoje que esses eventos ocorrem. Pereira (1975, *apud* UENO; SOUZA, 2014, p. 3), ao escrever sobre violência nos diz que,

A violência tem conotação tanto física quanto primordial. Assim, a violência é uma expressão essencialmente humana, de caráter histórico, que lhe concede a condição de ser universal e específica nas variadas formas de organização social, uma vez que sempre esteve presente nas diferentes sociedades, com a sua concretização em eventos específicos inerentemente ligados ao modo como os homens se organizam em sociedade.

Existem pessoas que direcionam a agressividade para si próprio, dessa forma a violência é feita contra ela mesma. Otta e Bussab (1998, *apud* BANDEIRA, 2006, p. 23), “nos lembram que a agressividade também pode ser redirecionada para dentro, contra a própria pessoa, que pode se torturar de forma masoquista e, tendo no suicídio, a forma extrema de autodestruição”. Os dados descritos pelos autores utilizados, mostram que, a ação da violência não pertence única e exclusivamente apenas a uma área, percebemos na atualidade existem diversos tipos de violências.

1.4 Formação Humana

Neste trabalho, a abordagem para formação humana se dá pelo entendimento de que ela seja fundamental para que o professor de Educação Física tenha apropriação necessária de conhecimentos e assim possa desenvolver o trabalho de artes marciais junto com alunos que seja eficaz sobre o processo de uma educação contra a não violência nas práticas corporais de lutas.

Para entender e compreender o significado de “formação humana”, é necessário analisar produções sobre essa temática, visto que, trata-se sobre algo muito mais amplo e extenso que apenas duas palavras. Discussões sobre esse tema tiveram início faz muito tempo e persistem até os dias atuais, discussões essas que apenas nos levam a entender que a formação humana, ou melhor dizendo, formação integral do ser humano é algo que está muito distante da realidade.

Ao descrever sobre o homem, Taffarel e Santos Júnior (2010, p.17),

O homem não nasce humano, torna-se humano. Não o faz sem suas atividades e relações com os demais seres humanos, com o entorno, com a natureza, sem desenvolver seus meios de produção, sem reproduzi-los, sem reproduzir a própria vida.

. Dessa forma, percebe-se que o homem e a mulher nascem e, com o decorrer dos anos, tendo condições necessárias se desenvolvem e aprendem a viver por se apropriarem sobre o mundo e como se portar neste e a se relacionar com o próximo.

Se pensarmos no ser humano quando pequeno, é notável que essa pessoa faz parte da sociedade em que vivemos, quando nasce não sabe sobre sua própria existência ou mundo, mas com o passar dos anos aprende por meio da relação social que construiu diariamente com as pessoas ao seu redor. O padrão desta relação entre as pessoas, que percebemos com o próximo, com a natureza ou conosco mesmo, tem se desenvolvido com o passar dos séculos, é um padrão construído sobre exploração, expropriação, exploração, que se manifestam hoje em forma de destruição da natureza, das forças produtivas, cultura, trabalho, meio ambiente e trabalhador (TAFFAREL; SANTOS JÚNIOR, 2010).

Sobre esse sistema, Taffarel e Santos Júnior (2010, p. 18), asseveram que,

O que caracteriza este sistema, construído historicamente, é a produção social de bens e a apropriação privada, a concentração de renda, a propriedade privada dos meios de produção. Esta situação, contraditoriamente, nos coloca ainda na fase pré-histórica de relações humanas possíveis à humanidade – a sociedade de classes. Portanto, impõe-se a necessidade histórica de superarmos, enquanto humanidade, o que desumaniza, o que destrói, aliena e coloca em risco a própria existência da humanidade.

Ao tratarmos sobre formação humana, tudo que sabemos hoje ou que discutimos sobre refere-se a algo que foi sendo construído por milhares de anos, por meio de gerações, relações sociais, lutas, guerras, discussões, cultura, e muitos outros aspectos.

Sobre formação humana, Tonet (2006, p. 10),

Talvez nenhuma palavra tenha expressado tão bem a idéia de formação humana como a palavra grega paidéia. Paidéia exprimia o ideal de desenvolver no homem aquilo que era considerado específico da natureza humana: o espírito e a vida política. Mas, por isso mesmo, essa formação era privilégio apenas de alguns poucos, os cidadãos. Além disso, excluía todo tipo de atividades – as que lidavam com a transformação da natureza – que não fossem condizentes com essa natureza propriamente humana.

Nesse processo de formação, pessoas com menos acesso não participavam de temáticas sobre problemática do trabalho, transformação da natureza, da manipulação da matéria para a produção de bens, que eram deixados de lado, ou ignorados (TONET, 2006). Percebe-se que, com um percentual da população não tendo acesso às informações, esses sujeitos ou a família estarão sendo, de certa forma, excluídos.

O trabalho é algo tão importante e deve ser muito considerado no processo de formação humana, segundo Saviani e Duarte (2010, p. 426),

Por meio do trabalho o ser humano incorpora, de forma historicamente universalizadora, a natureza ao campo dos fenômenos sociais. Nesse processo, as necessidades humanas ampliam-se, ultrapassando o nível das necessidades de sobrevivência e surgindo necessidades propriamente sociais.

Isso acontece, quando não nos referimos ao atual modelo de trabalho, pois com o passar dos anos e, cada vez mais, as classes dominantes interferem sobre o sistema, de maneira que o trabalho atual não possui o mesmo significado, como propunha Marx. Para Saviani e Duarte (2010, p. 429), “O trabalhador aliena-se pelo trabalho capitalista porque é obrigado a vender sua atividade em troca de um salário que lhe assegure a sobrevivência”.

Percebe-se também que, em algumas culturas, a educação sempre foi vista como processo de formação humana. Severino (2006, p. 621) diz que,

Essa formação significa a própria humanização do homem, que sempre foi concebido como um ente que não nasce pronto, que tem necessidade de cuidar de si mesmo como que buscando um estágio de maior humanidade, uma condição de maior perfeição em seu modo de ser humano”.

A educação é outro fator que deve ser lembrado ao dialogarmos sobre formação humana pois, ao falar sobre educação, costuma-se dizer que a mesma deve formar o homem integral, isso significa pessoas capazes de pensar com autonomia moral, para que sejam cidadãos, desfrutem desta condição e contribuam com as transformações sociais, culturais, tecnológicas, científicas e auxiliem com a paz, uma vida saudável, preservação do meio ambiente. Pessoas que sejam criativas, críticas e participativas (TONET, 2006).

Segundo Rodrigues (2001), após o nascimento, até a adolescência é necessário que se forneça meios que são externos e propiciem o desenvolvimento da capacidade intelectual, afetiva, psíquica e moral. Quando o autor comenta sobre os meios, é ressaltado a importância que estes possuem para o crescimento e amadurecimento desse sujeito, com isso, a criança e adolescente tendem a ter uma formação integral que contribua para suas ações na sociedade.

Sobre educação, Rodrigues (2001, p. 240),

A Educação é necessária para que o Ser Homem seja constituído. O Homem não se define como tal no próprio ato de seu nascimento, pois nasce apenas como criatura biológica que carece se transformar, se re-criar como Ser Humano. Esse ser deverá incorporar uma natureza em tudo distinta das outras criaturas. Ao nascer não se encontra equipado nem preparado para orientar-se no processo de sua própria existência.

Percebe-se a importância de que seja fornecido para as pessoas meios e recursos suficientes, que contribuam para o desenvolvimento delas e com sua formação humana. No processo de formação do ser humano, Rodrigues (2001, p. 240), diz que,

O ato de formar o ser humano se dá em dois planos distintos e complementares: um de fora para dentro e outro, de dentro para fora. Pelo primeiro, ele “precisa ser educado” por uma ação que lhe é externa, de modo similar à ação dos escultores que tomam uma matéria informe qualquer, uma madeira, uma pedra, ou um pedaço de mármore, e criam a partir dela um outro ser. Assim como não se deve esperar que um objeto escultural apareça de modo espontâneo, também não se deve esperar que o ser humano seja fruto de um processo de auto-criação.

Quando um sujeito cresce em um ambiente que não lhe propicie aspectos qualitativos, ambiente que não tenha referência, ensinamentos ou que não lhe mostre uma direção, ele crescerá e poderá se desenvolver sem uma referência positiva, não digo aqui que se tornará uma pessoa ruim, porém nessas condições a chance disso se concretizar será maior, caso o ambiente que esse sujeito viva não lhe ofereça abrigo e direção.

Com o que vemos diariamente, muitas vezes é possível questionarmos sobre algumas atitudes do ser humano, atitudes que são consequências de uma não formação humana, ou de uma formação que foi fragmentada. Segundo Tozoni-Reis e Campos (2014), o processo de formação do ser humano é histórico e social, isso significa que é intencionalmente feito pelos próprios seres humanos, nas relações entre si e o ambiente em que vivem.

1.5 Formação em Educação Física

Educação Física, disciplina essa que foi e continua sendo tema de muito estudo, de objeto a estilo de vida, profissão, jogos, esportes, movimento humano,

dança, luta, brincadeira, musculação e muitas outras definições, entendimentos e interesses que foram se acumulando ao longo do processo. São vários os significados atribuídos à Educação Física. Não se pretende escolher um termo e dizer o que seja, pois o seu verdadeiro significado vai muito além daquilo que costumeiramente a rotulam, seu significado se dá pela luta de pessoas que pertencem à esta área de conhecimento e a defendem, ano após ano. Pessoas, ou melhor, profissionais que estão dispostos a dedicar todos os dias aos seus alunos, clientes, pacientes, colegas, amigos e/ou familiares.

Essa área de conhecimento, como muitas outras, que são categorizadas como bacharelado, licenciatura ou ambas as denominações possuem certas limitações e dificuldades em seu processo histórico. Segundo Taffarel e Santos Júnior (2010), ela possui problemas teóricos, epistemológicos, problemas de financiamento público, problemas de oferta das condições objetivas para funcionamento dos cursos, problemas curriculares e problemas políticos.

São problemas diversos que, se pararmos para analisá-los um a um podemos chegar a pensar que resolvê-los pode parecer ser algo impossível. Por mais que sejam diversos esses problemas torna-se necessário expô-los para o diálogo e discussões, pois enquanto conhecimento a Educação Física é transformada e se transforma, o que vai influenciar a vida de diversas pessoas, como seus estudantes, que iniciam esse curso para se tornarem professores, motivados por influências de natureza diferentes, como um professor no percurso escolar ou porque passaram visualizaram alguma perspectiva de vida como profissional de Educação Física.

Por esses motivos e alguns outros é que alunos desse curso, professores e egressos devem permanecer juntos e lutarem pela causa, que tenha como objeto as melhorias para a área.

Sobre a Educação e a Educação Física, Taffarel e Santos Júnior (2010, p. 24) nos dizem que,

A educação é uma dimensão da vida social imprescindível nas sociedades contemporâneas, um dos fundamentos básicos na construção de uma nação socialmente justa e substantivamente civilizada. A Educação Física é, reconhecidamente, uma ação pedagógica que contribui com a educação e com a formação de um povo.

Percebemos que são fatos que não devem ser ignorados, sabe-se que a educação é o caminho que pode e deve ser utilizado para que as pessoas e a sociedade como um todo sejam transformados. Sobre a Educação Física é notável

que essa disciplina sempre esteve presente na História, não como é atualmente, porém, nunca foram ignorados os movimentos corporais humanos, que instigaram mais estudos e assim como consequência essa disciplina teve maior dimensão e importância na vida das pessoas.

Sobre Educação Física, Betti e Zuliani (2002, p. 73), descrevem que,

Educação física é uma expressão que surge no século XVIII, em obras de filósofos preocupados com a educação. A formação da criança e do jovem passa a ser concebida como uma educação integral – corpo, mente e espírito –, como desenvolvimento pleno da personalidade. A educação física vem somar-se à educação intelectual e à educação moral.

Com o passar dos anos, percebe-se que essa educação integral de corpo, mente e espírito não foi bem mantida, pois vinculou-se o termo Educação Física de forma preponderante, ao corpo. A Educação Física possui várias dimensões, enquanto componente curricular. Segundo Betti (1992, 1994a),

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida (*apud* BETTI e ZULIANI, 2002, p. 75).

O trato dessa disciplina, principalmente em âmbito escolar, tem como objetivo auxiliar na formação de pessoas críticas, que possuem ponto de vista próprio sobre diversas ideias, pessoas que dominem sentido e significado do que seja a Cultura Corporal do movimento humano e sua relação com o contexto que a cerca, que saibam se posicionar socialmente. O diálogo no âmbito escolar é complexo, pois a historicidade da Educação Física na prática é repleta de casos relacionando professores à prática de uma aula improvisada.

Com o aumento de interesses diversos nessa área, percebe-se que houve ganhos significativos, o diálogo e pesquisas sobre a Cultura Corporal de Movimento, segundo Betti e Zuliani (2002), impulsionou a valorização social de determinadas práticas corporais, com isso legitima-se o aparecimento de investigação científica filosófica no exercício, investigação da atividade física, do homem em movimento ou motricidade.

Já sobre a formação de professores em Educação Física, Taffarel e Santos Júnior (2010, p. 38) afirmam que,

Por isso que insistimos que o que defendemos não é preparar o futuro professor para adaptar-se ao local onde vai atuar. Ao contrário, queremos que ele seja formado sob uma base sólida o bastante que o permita contextualizar sua intervenção e a partir daí que seja capaz de dosar, garantir uma sequência lógica e sistematizar o conhecimento que será tratado.

Sobre a qualificação dos professores, Santos Júnior (2005), analisando em sua tese de doutorado produções de outros autores, relata que foram identificados elementos que merecem análises críticas, pois são essenciais para o processo de formação do professor. Destaca-se, dentre os elementos mencionados a questão da ausência de conteúdos na formação universitária.

Por mais que se discuta e faça intervenções em grades curriculares universitárias, percebe-se que sempre estarão incompletas, a dimensão de conhecimentos que fazem parte de um curso, principalmente que seja da área da licenciatura é vasta, portanto qualificar de forma integral o aluno ou aluna que está em processo de formação inicial para se tornar professor(a) é uma tarefa impossível, pois o curso possui uma diversidade de possibilidades, sendo necessários muitos anos de estudos e práticas para apreendê-las.

Em sua tese de doutorado, sobre os últimos períodos do curso de formação em Educação Física, Santos Júnior (2005, p. 18) afirma que os alunos,

[...] chegam aos últimos períodos de sua formação com, no geral, as mesmas incertezas que vivenciamos no início da década de 90 do século passado: A) fragilidade de ordem conceptual quanto a nossa área de conhecimento; B) fragilidade quanto aos objetivos a empreender no projeto de escolarização de crianças e jovens; C) dificuldade de organizar o trabalho pedagógico de forma a tratar a Educação Física como uma disciplina onde se ensina e não apenas se “treina”; D) dificuldade para perceber os nexos existentes entre os problemas sociais e o modelo de Educação e de Educação Física hegemônicos; D) o desconhecimento das proposições construídas, desde a década de 80, da nossa área.

Percebe-se a importância de dialogar, procurar entender esses aspectos que prejudicam o processo de formação de alunos e novos professores no campo da Educação Física, o que exige que se desenvolvam meios para a resolução de questões que se saiba de sua existência. Se uma instituição de nível superior, que oferece o curso de Educação Física ou qualquer outro curso, seja na licenciatura ou bacharelado, caso seja identificado pelo corpo docente aspectos que prejudiquem a

formação dos alunos é necessário desenvolver formas de intervir e tentar assim reverter a situação.

Sobre o currículo da formação em Educação Física, Taffarel e Santos Júnior (2010, p. 42) destacam

A intenção é consolidar uma consistente base teórica, fazendo-o a partir da teoria do conhecimento, que possibilita a construção do saber a partir de categoria da prática, permitindo sua organização em ciclos, mediante a constatação da realidade e, daí, as sistematizações, as ampliações e aprofundamentos. Estes aspectos devem ter como referência um projeto histórico para a superação do modo de o capital organizar a vida na sociedade, modo esse originado nas relações humanas e, portanto, suscetível de ser alterado.

Conforme os autores dizem, tendo uma base teórica consistente é possível mudanças. Ao se formar em educação física é necessário que o professor, além de domínio de conhecimentos sobre essa área, para seu melhor desempenho profissional é necessário que estejam aptos a dialogar e dominem questões básicas referentes ao trabalho capitalista, seu caráter e organização (TAFFAREL; SANTOS JÚNIOR, 2010).

Vivemos em um sistema predominantemente capitalista, em que, grupos que estão no poder durante anos, mantêm as condições para que o sistema continue desta forma, onde a classe trabalhadora é utilizada como mão de obra para os interesses do capital, de um Estado burguês capitalista e não da classe trabalhadora. Nesse sentido, quem domina continua a dominar e quem é dominado continua na mesma posição durante muito tempo. No processo de formação em Educação Física é importante que os professores dominem o engendramento desse sistema, para que seja possível melhorias na relação capital e trabalho e assim no campo profissional, social, pessoal e que isso seja agregado ao contexto da Educação Física.

CAPÍTULO 2

ABORDAGEM EMPÍRICA

Neste capítulo apresentamos a metodologia que ampara a investigação desta pesquisa, para além de analisar algumas produções sobre a relação da violência e da agressividade com as lutas, expondo os dados apresentados por pesquisadores a respeito deste objeto, em tipos de luta diferentes.

2.1 Metodologia

Ao realizarmos a produção de um trabalho científico, primeiro precisamos entender do que se trata a metodologia, a qual refere-se a todo arcabouço de conhecimentos e ações utilizados para investigar um objeto, responder, explicar, resolver um problema levantado previamente. Partindo desse entendimento, a metodologia é a base mais ampla do processo de pesquisa contendo como pilares os métodos (empírico analítico, fenomenológico/hermenêutico e crítico dialético). Além dos métodos, os tipos de pesquisa (tipologia por objetivos e por delineamento), os procedimentos/ações (instrumentos, materiais e técnicas) e, por fim, a abordagem para análise dos dados que pode ser considerada quantitativa, qualitativa ou quanti-qualitativa (VENTURA *et al.*, 2015).

Todos os componentes que fazem parte da metodologia servem como direção para que o pesquisador saiba qual caminho deverá seguir durante o movimento de seus estudos. Em meio a diversas possibilidades, cada marco teórico contém certos tipos de pesquisas específicos, assim como procedimentos e tipos de abordagens. Portanto, ao realizar a pesquisa não é possível seguir aleatoriamente estes estudos, cada tipo de produção do conhecimento necessitará de uma definição de sua forma, modelo, epistemologia, ideologia, dentre outras para dizer de onde fala.

A opção metodológica se dá por uma pesquisa bibliográfica, com revisão de literatura, inclusive para selecionar os dados que foram analisados, tendo em vista que não foi possível fazer uma pesquisa de campo, como estava projetado.

Segundo Gamboa (2013, p. 70) “[...] a verdade é relativa a cada sujeito que, em relação com o objeto, interpreta-o e explica-o ao seu modo”, porque não é o objeto que conta, mas a percepção que o sujeito tenha dele, o que caracteriza então o fenômeno”.

Para a produção do trabalho este pesquisador se apoia no processo empírico analítico, considerando os fatos sociais reais e a investigação nos remete, concomitantemente, a abordar um tema complexo, cuja amplitude e profundidade ganham relevância ao exigir uma consistência teórica dos conhecimentos tratados nas suas dimensões científica, cultural e técnica, ao mesmo tempo que nos impele riscos, como o de tratar o movimento do objeto pelas suas margens. Para que a pesquisa possa ocorrer como pensada precisamos entender o objeto de estudo, entender os processos de mudança para compreendê-los e apresentá-los nos dias atuais.

O método de pesquisa deve explicitar a realidade, nos aproximando o mais possível do objeto investigado.

Quando nos referimos à tipologia, nos objetivos a opção vai se dar por ações explicativas e exploratórias. As pesquisas exploratórias se articulam com todos os objetivos, guardadas algumas restrições à Fenomenologia (VENTURA *et al*, 2015). No delineamento a opção está dada pela pesquisa bibliográfica a partir de uma revisão bibliográfica fundamental que se refere ao levantamento de produções científicas de outros autores disponíveis para estudos.

A abordagem para análise de dados terá como referência os dados levantados pela revisão bibliográfica.

Para produção deste trabalho, em primeiro momento seria feita uma pesquisa na cidade de Goiânia, Goiás para descobrir escolas ou academias que tinham aulas de artes marciais, sejam elas (Jiu-Jitsu, Karatê, Taekwondo ou Judô) ou outra arte marcial de natureza oriental. Seria feito um questionário para professores, alunos e pais sobre o comportamento dos alunos, em seguida iríamos realizar observações das aulas em que estes alunos fazem a prática da arte marcial. Após um período de aproximadamente 06 meses iríamos aplicar um novo questionário e entrevista para os professores, alunos e pais sobre o comportamento dos alunos.

Devido a fatores externos, não foi possível pesquisa de campo para obtenção dos dados, nesse sentido, foi necessário a adaptação da pesquisa que resultou em análise de produções científicas com temáticas próximas a deste trabalho.

Em apoio a esta ação, outras serão agregadas:

- Investir em uma revisão bibliográfica de produções cujas pesquisas foram pensadas com propósitos semelhantes;

- Centrar os estudos em artigos publicados nos periódicos da área da Educação Física e/ou áreas a fim;
- Estudar os dados levantados das referências para definir as fontes mais relevantes para se responder ao problema de pesquisa.

Os critérios para delinear a pesquisa foi localizar trabalhos acadêmicos “artigos científicos, teses de mestrado ou doutorado” que abordassem a temática artes marciais e tivessem pesquisa de campo com a prática de artes marciais. Nos materiais pesquisados e obtidos via periódico CAPES ou revistas de Universidades conseguimos pesquisas com entrevista da percepção de professores sobre a mudança ou não dos alunos “após prática de artes marciais”; conseguimos também pesquisas que foram feitas por meio de projeto de inclusão de artes marciais, neste projeto alunos e alunas crianças e adolescentes participaram e responderam a questionários; foi localizado também tese de doutorado sobre a percepção dos alunos em relação ao Karatê.

Critérios para inclusão levou em conta trabalhos que tivessem como participantes crianças, adolescentes e jovens e que estes praticassem alguma modalidade de arte marcial. Critérios para exclusão foi pesquisas que sem dados empíricos, ou que os dados fossem de um público diferente do apontado neste trabalho. As palavras-chave utilizadas para filtrar a pesquisa foram (artes marciais; formação humana; lutas; agressividade; violência).

2.2 Análise dos Dados Empíricos

Nesta parte do trabalho, apresentaremos alguns trabalhos científicos que tiveram suas pesquisas direcionadas para as artes marciais na relação com a agressividade ou violência. Existem alguns trabalhos que para sua realização foram necessárias pesquisas com professores, alunos, crianças, adolescentes ou jovens, para levantamento de dados e identificar a resposta de alunos nas aulas de artes marciais.

Na produção de sua dissertação de mestrado em educação, Bandeira (2006), por meio de entrevista semi-estruturada e observação dos alunos em aula, faz análise desses e a percepção deles sobre agressividade/violência no Karatê. Em seu trabalho, ao descrever sobre a pesquisa, Bandeira (2006, p. 5) explica que

Esta pesquisa tem por finalidade conhecer, compreender e analisar as percepções de alunos de karate sobre agressividade/violência no ensino das artes marciais, no intuito de buscar caminhos para a construção de um ser humano mais consciente e menos violento.

Este estudo de caso foi produzido em um colégio militar com adolescentes na faixa etária de 14 a 18 anos, do sexo feminino e masculino. Esses adolescentes são frequentadores das aulas de karatê, realizadas pelo próprio pesquisador (BANDEIRA, 2006). Descrevendo sobre o estudo, Bandeira (2006, p. 47) esclarece que,

Para este estudo foi escolhido como principal instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada, a qual foi aplicada a doze alunos praticantes de karate no Colégio Militar de Porto Alegre. A entrevista semi-estruturada foi escolhida como instrumento de coleta de dados pelas suas características de flexibilidade e por ser apropriada para aprofundar no problema em questão e na abordagem de estudo de caso.

Além da entrevista, utilizou-se observações do cotidiano das aulas de karatê, realizadas pelo próprio pesquisador. A observação escolhida foi a não estruturada, na qual alguns comportamentos são observados e estes não são pré-determinados, são analisados e retratados. Para Bandeira (2006, p. 47) “As observações nesta pesquisa tinham o intuito de vivenciar o cotidiano dos treinamentos e registrar na Ficha de Observações os aspectos relevantes e curiosos relativos ao tema da pesquisa”.

Sobre as etapas de análise dos dados, Bandeira (2006, p. 48) relata que

A sistemática utilizada para a análise passou numa primeira etapa pela leitura e releitura das entrevistas, para a impregnação dos conteúdos e poder compreender as percepções dos entrevistados. Numa segunda etapa foi feita a análise vertical, buscando demarcar aspectos relevantes das falas de cada um dos participantes. Na terceira etapa, foi realizada uma análise horizontal, em que se procurou reunir os aspectos comuns das entrevistas, em conjuntos de cada um dos segmentos, em relação às questões feitas. A quarta etapa efetuada foi a síntese e, finalmente, a definição das categorias e subcategorias que emergiram nos diferentes segmentos.

As categorias e subcategorias obtidas e que foram consideradas relevantes para a produção deste texto referem-se à percepção sobre agressividade/violência no contexto geral e no karatê e a influência desta arte marcial na agressividade/violência. No contexto geral, percebe-se grande aumento de violência nas cidades, no mundo, dentro de escolas, como também fora delas; em relação a agressividade e violência nesta arte marcial, Bandeira (2006, p. 58) observa que “A visão, pelos iniciantes, de

que o karate somente ensina golpes de luta que podem ser usados para intimidar e agredir os adversários”. Entende que, com o decorrer do tempo esses alunos se adaptam com a forma de ensino da arte marcial e vão conhecendo mais sobre a modalidade, com isso desvinculam a mesma de violência.

Diversos outros entrevistados também corroboraram com a ideia de que os praticantes de karate, com o passar do tempo de treinamento, desenvolvem a evolução de suas consciências no sentido do verdadeiro espírito da arte marcial, passando suas prioridades do plano físico para o mental e deste para o espiritual (BANDEIRA, 2006, p. 60).

Em seu trabalho, o autor consegue obter várias respostas na relação dos alunos com a modalidade karatê, em uma das conclusões que obteve pelos dados levantados pode considerar que o karatê é, de forma significativa, um ótimo instrumento na educação para a paz e saúde. Outra consideração relevante obtida por Bandeira (2006, p. 75-76) foi

O desenvolvimento de condutas não violentas em karatecas é extremamente significativo, porque diferente de outras práticas como o tai-chi-chuan ou a yoga, em que as pessoas já as procuram com uma visão antiviolença, no karate, muitas vezes, ocorre o contrário. No início muitos buscam o karate como uma forma de vingança, de proteção ou para aprender uma luta violenta, para ser usada contra seus opositores. Mas, com o passar do tempo e de treinamento, conforme retratado pelos entrevistados, estas práticas desenvolvem suas consciências e mudam estas concepções, tornando então o karate num instrumento de não violência.

Cada indivíduo possui uma forma de lidar com tudo que está ao seu redor, portanto, nem todos terão os mesmos resultados pois diversos fatores influenciam este processo, porém percebe-se que na dissertação mencionada melhoras significativas por parte dos alunos e alunas na compreensão da relação entre artes marciais e agressividade/violência.

Outro trabalho que está direcionado com a temática de artes marciais e violência é o de Pacheco (2012), o qual diz que “este estudo teve por objetivo encontrar a relação entre prática de artes marciais e redução da manifestação de comportamento agressivo em adolescentes nas aulas de educação física escolar”.

Ao discorrer sobre o estudo, Pacheco (2012, p. 1) aponta que

Fora investigado, através de revisão da literatura existente na área, a utilização das artes marciais para a formação benéfica do caráter e da

personalidade de adolescentes. Participaram deste estudo 15 adolescentes praticantes de artes marciais. Os dados foram obtidos através de um formulário semi-estruturado, com perguntas “abertas” e “fechadas”, em que poderiam fazer comentários e exemplos sobre os temas tratados.

Nas perguntas direcionadas aos alunos, Pacheco utiliza questões sobre se os alunos já presenciaram violência, se já agrediram colegas ou se já foram agredidos, se tiveram mudança de comportamento após iniciar a prática de artes marciais. Sobre algumas das perguntas feitas aos alunos, de acordo com Pacheco (2012, p. 7) “A sexta questão do Formulário fala da mudança de comportamento após começar a treinar artes marciais. Dentre os entrevistados, 13 adolescentes (86,6%) disseram que houve mudanças comportamentais”. Percebe-se que trata de uma mudança positiva, visto que, pode não se tratar de todos os entrevistados, mas é um percentual muito alto se considerado a quantidade de alunos que tiveram mudanças em relação aos que não tiveram.

Sobre uma das respostas obtidas pelo autor mencionado anteriormente é importante destacarmos um aluno que chamou muita atenção, praticante de Taekwondo, relatou que todos em sua volta identificaram sua mudança de comportamento, professores, família, inspetores (PACHECO, 2012). Na fala do aluno, ele relata que passou a ter mais autocontrole, melhorou a concentração dentro e fora da escola.

Após analisar os dados levantados, Pacheco (2012, p. 9) considera que,

De acordo com os resultados obtidos conclui-se que as artes marciais podem auxiliar na redução de comportamento agressivo em adolescentes nas aulas de Educação Física escolar, principalmente na prática de jogos, onde se observou a grande incidência de tais manifestações. Pois os adolescentes entrevistados se mostraram, em sua maioria, capazes de se autocontrolar e de não agir/reagir agressivamente diante de uma situação de conflito.

É ressaltada a importância de mais estudos sobre a mesma temática ou temática semelhante, pois a grande maioria dos alunos relatam nas questões que já passaram por situações de violência, estes sendo autores ou vítimas. Percebe-se, principalmente dentro do âmbito escolar um índice alto em relação a essa situação.

Em outro trabalho, de conclusão de curso, foi feita uma pesquisa em que o pesquisador procurou verificar e comparar o grau de agressividade, representado pela expressão de raiva em pessoas que praticam boxe e taekwondo. Analisou também se

a filosofia sobre a disciplina advinda das lutas orientais, presentes em aulas de taekwondo, influenciam na expressão de raiva dos alunos (FABRE, 2009).

Sobre o trabalho, Fabre (2009, p. 17) descreve:

A amostra deste estudo foi não probabilística do tipo conveniência ou acidental (GOLDIM, 1997) composta de 60 sujeitos do sexo masculino de 18 a 48 anos de idade e média de 28,73 anos praticantes de taekwondo tradicional e boxe. Desses, 30 eram do taekwondo e 30 do boxe. Os praticantes de taekwondo eram frequentadores de programas de treinamento que respeitassem a hierarquia tradicional de sua luta (divisão por faixas) e as sessões de treino continham todas as cerimônias e cumprimentos tradicionais do taekwondo. Todos os participantes da amostra têm experiência em seu esporte de combate de no mínimo um ano de prática orientado por instrutor ou mestre capacitado.

Em relação ao instrumento utilizado para mensuração dos dados, Fabre (2009, p. 17) o identifica.

O instrumento utilizado foi o Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço (STAXI), de Spielberger (1927), adaptado para a população brasileira e traduzido por Angela M. B. Biaggio (2003). O STAXI fornece medidas concisas da experiência e expressão da raiva. A experiência da raiva é conceituada como tendo dois componentes principais: estado e traço da raiva. Segundo Spielberger (1927), o estado de raiva é definido como um estado emocional caracterizado por sentimentos subjetivos que variam em intensidade, que vai desde um leve aborrecimento ou irritação até a fúria intensa e cólera. O traço de raiva é definido como a disposição de perceber uma gama diversa de situações como desagradáveis e frustradoras e a tendência a reagir a tais situações.

Nesse instrumento de dados, a expressão de raiva é conceituada como tendo alguns componentes principais, são eles, a raiva para fora, que se refere a expressão de raiva em relação as pessoas, meio e objetos; a raiva para dentro, que trata sobre a repressão dos sentimentos que envolvem expressões de raiva. Por último, o controle da raiva, refere ao grau de controle da pessoa em relação ao sentimento de raiva (FABRE, 2009).

No momento de coletar os dados, foi explicado como o questionário funciona, este instrumento, na coleta de informações possui diversas questões sobre atitudes, sentimentos e comportamento. Na análise dos dados, de acordo com Fabre (2009, p. 23),

A partir da análise de variância One Way e da observação dos resultados obtidos neste estudo, a média dos escores brutos nas escalas do STAXI não

tiveram diferenças significativas entre os grupos de taekwondo e do boxe. Isso nos leva a crer que a questão pedagógica e filosófica orientais, nesta pesquisa, não implicou em uma menor agressividade no perfil psicológico dos praticantes destas modalidades.

Porém, por mais que neste estudo os dados estatísticos não foram significativos, percebe-se indícios de uma tendência de praticantes da modalidade taekwondo a terem menores níveis na expressão de raiva e experiência de raiva (FABRE, 2009).

Outro trabalho de conclusão de curso, que identificou e analisou a forma como os valores morais estão sendo repassados aos praticantes de artes marciais, valores esses que tenham como origem princípios e códigos de honra (MAYER; ANDRADE, 2015).

Ao descrever sobre os valores morais, Mayer e Andrade (2015, p. 16) assinalam que “Os valores morais tratam do bem e do mal, dos comportamentos sociais, investigando sobre uma visão mais crítica a atividade social do homem, o seu agir, sobre atitudes agressivas e principalmente do respeito com o outro”. Nas artes marciais, esses valores se expressam como comportamentos sociais, enfatizam aspectos de respeito, disciplina, hombridade e lealdade (MAYER; ANDRADE, 2015).

Para a pesquisa, de acordo com Mayer e Andrade (2015, p. 3),

Foram aplicados 42 questionários aos praticantes da modalidade de Judô e 38 aplicados na modalidade de Taekwondo, nas academias da Grande Vitória. O instrumento utilizado foi questionários de trabalhos já utilizados, análise de variância e o programa estatístico GraphPadPrism v.5.0. Foi realizada análise se a forma que o conteúdo está passado, está agregando valor a vida dos alunos.

Em relação a análise dos dados, segundo Mayer e Andrade (2015, p. 20),

Foi constatado que houve diferentes fatores de mudança em cada modalidade, no Taekwondo, houve disciplina, autocontrole, paciência e educação como indicativos de melhora, e no Judô, houve melhora do sono, perda de peso e valores morais, havendo uma diferença na interferência da mudança.

É importante apresentarmos mais um estudo que foram desenvolvidos resultados obtidos que são extremamente importantes para este trabalho monográfico. De acordo com Andrade *et al.* (2017), foi desenvolvido um projeto chamado Programa de Atividade Curricular de Extensão ou (PACE) dentro da

comunidade de Monte Sinai em Manaus, pela Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FEFF) visando proporcionar benefícios para a comunidade interna e externa da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

O programa mencionado, segundo Andrade *et al.* (2017), desenvolveu nova perspectiva da aprendizagem sócio educativa e lúdica nos processos pedagógicos sobre as lutas e artes marciais. Utilizando a arte marcial Jiu-Jitsu, de origem oriental, visou-se melhorias de concentração, autoestima, disciplina e saúde em crianças e adolescentes. Ao descrever sobre a amostra, Andrade *et al.* (2017, p. 76),

A nossa amostra foi composta de crianças na faixa etária de 04 anos a 17 anos do Clube “Sevalho” de Jiu-Jitsu Fundado em 17 de agosto de 2009 filiado ao Clube “Omar Salum”. No total eram 37 alunos/atletas que residiam na própria comunidade Monte Sinai. Devido a nossa amostra antes de realização das atividades do PACE entramos em contato com os familiares e representantes legais e os mesmos preencheram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, fornecido pela nossa equipe antes do contato direto com as crianças e adolescentes.

Buscaram proporcionar também, de acordo com Andrade *et al.* (2017, p. 74) “A vivência e experiência com a modalidade esportiva, instigando uma reflexão sobre o que é o jiu-jitsu e como é a sua filosofia e metodologia”. Algumas das ações desenvolvidas com os alunos em artes marciais iniciaram um foco para desenvolver a afetividade e integração dos alunos, sendo apresentada uma nova visão da arte marcial. O jiu-jitsu foi contextualizado de forma que valores e princípios tradicionais da arte marcial fossem repassados para os alunos, foram aplicadas adaptações nos conteúdos de forma lúdica transformando a luta em espécie de jogo, apresentando a arte marcial como elemento educacional na sociedade. Estabeleceram a rotina para participação plena e igual de todos (ANDRADE *et al.*, 2017).

Ao considerar sobre a pesquisa, Andrade *et al.* (2017), dizem que ela proporcionou um processo de reflexão-ação-reflexão, auxiliando alunos e professores terem maior clareza sobre a arte marcial praticada, dessa forma promoveram-se mudanças necessárias para assegurar melhor formação de atletas e cidadãos. Ao descreverem sobre alguns benefícios da prática de jiu-jitsu para crianças e adolescentes, observados pelo grupo e por relato de pais e familiares dos alunos, Andrade *et al.* (2017, p. 81) apontam as seguintes percepções:

1. Controle muscular; 2. Aperfeiçoamento dos reflexos; 3. Desenvolvimento do raciocínio; 4. Equilíbrio mental; 5. Reforço dos princípios morais; 6. Fortalecimento da autoconfiança; 7. Cuidado e respeito pelo outro (os parceiros de combate); 8. Percepção e senso de disciplina; 9. Respeito as hierarquias da academia.

Percebemos que, quando é desenvolvido corretamente um trabalho pedagógico com alunos e alunas, utilizando as artes marciais, é possível obtermos resultados positivos que provocam mudanças na vida das pessoas na sociedade. Ao dialogarem sobre melhorias provocadas pelo projeto apresentado, Andrade *et al.* (2017, p. 83),

As nossas crianças e adolescente envolvidas na ação de extensão universitária aprenderam na prática a competir com honestidade; ser humilde, reconhecendo as falhas humanas e os possíveis erros e acertos; cair, levantar e recomeçar; desfrutar das amizades dos parceiros de treinos e combates. Podemos salientar que o jiu-jitsu com uma arte marcial suave e também um esporte de contato físico direto, a pratica e o treino do jiu itsu ofereceu a nossa amostra na Comunidade Monte Sinai uma forma segura que permitiu as crianças e adolescentes terem a possibilidade de crescerem e se desenvolverem num ambiente saudável. Também a possibilidade de se tornar um verdadeiro vencedor no dia a dia na sua família e escola (na própria comunidade).

Professores de educação física lidam diretamente e diariamente com o movimento corporal, é importante olharmos de forma mais estruturada estes movimentos e utilizá-los como caminho para proporcionar aos alunos aprendizados pessoais, sociais e profissionais refletindo e contribuindo para que estes sejam pessoas melhores.

É interessante ressaltar que, por mais que em muitos casos percebem-se algumas mudanças, em todos os trabalhos que tivemos acesso, até a produção deste, não foram identificadas mudanças de 100% dos alunos ou pessoas entrevistadas. Por mais que exista muitas pessoas que, com estímulos e fatores corretos consigam ter essa melhoria no comportamento e estilo de vida, sempre é notado algum percentual de pessoas nas quais não se nota mudanças.

Os trabalhos aqui analisados servem de grande contribuição para compreendermos mais sobre as artes marciais, as entrevistas e questionários feitos, resultados obtidos e discussão dos dados servem como base para podermos ampliar o ponto de vista e conseguir compreender mais sobre essa temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o trabalho de pesquisa teve início, era evidente a necessidade de estudos nesta temática, pois vivemos socialmente em um período em que a incidência de agressão e violência em diversos segmentos é muito alta e normalmente necessita-se de meios para intervir neste cenário. Visto que as artes marciais poderia ser um recurso valioso nesse quesito e principalmente como meio de uma educação à não agressão e violência, dispomo-nos a desenvolver o trabalho com título de A Filosofia das Artes Marciais: instrumento de intervenção para uma educação que se oponha à agressividade e violência na prática das lutas.

Sobre o objetivo geral, tivemos que investigar a filosofia das artes marciais e utilização destas como instrumento de intervenção para uma educação que se oponha à agressividade e violência na prática das lutas, as artes marciais possuem diversos ensinamentos que são passados para seus praticantes por meio de aulas, experiências, diálogos e vivência. Esses ensinamentos podem sim contribuir como meio de intervenção para uma educação que auxilie as pessoas serem menos agressivas e violentas.

A pesquisa partiu da hipótese de que esse público-alvo “crianças, adolescentes e jovens” poderiam sim sofrer mudanças significativas em relação ao comportamento, ser mais racional, menos violenta, mais tranquila, mais sociável, enfim, mais humana. Durante o processo de construção do trabalho, descobrimos por meio das referências e estudos que, alguns indivíduos, após experiências com artes marciais, diálogo com professores e mestres tiveram mudanças que refletem na sociedade.

Necessita-se de mais estudos na área, pois os materiais utilizados como referência, por mais que sejam ricos de informações, já que as pesquisas e dados apresentados foram realizadas faz algum tempo. A sociedade e principalmente as pessoas estão em constante mudança, tipo de estudos como esses necessitam de muita análise para distinguir se a intervenção está sendo negativa ou positiva.

Para possíveis e melhores análises de dados, recomenda-se que se tenha mais estudos de campo, estudos em que o pesquisador consiga ter acesso ao ambiente em que a arte marcial é aplicada, seja em escola ou academia, que os pesquisadores consigam questionar os professores/mestres, alunos, pais ou responsáveis, pois, com esse tipo de pesquisa e acesso é possível mais dados para análise e sistematização do objeto em tela.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J. R. *et. al.* A arte marcial do jiu-jitsu como fator preponderante para educação e o autoconhecimento. **Bius-boletim informativo unimotrisaúde em Sociogerontologia**, v. 8, n. 3, p. 74,84, 2017.
- ANTUNES, M. M. A relação entre as artes marciais e lutas das academias e as disciplinas de lutas dos cursos de graduação em Educação Física. **EFDeportes Revista Digital, Buenos Aires**, v. 14, n. 139. Buenos Aires, 2009.
- BANDEIRA, H. R. **Percepções de alunos de Karatê sobre agressividade/violência**: aplicações educacionais no ensino de artes marciais (Mestrado em Educação) Porto Alegre, PUC/RGS, 2006.
- BECKER, K. L.; KASSOUF, A. L. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma análise da relação entre o comportamento agressivo dos alunos e o ambiente escolar. **Nova Economia**, v. 26, n. 2, p. 653-677, 2016.
- BETTI, M. e ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, p. 73-81. São Paulo, 2002.
- BONFANTE, E. S. **A filosofia do Judô como aliado à não violência entre escolares**. Criciúma, Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/4280/3/Edmu%20Scaini%20Bonfante.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.
- CINTRA, M. M. *Et al.* O ensino das lutas na Educação Física escolar: o estado da arte. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 15, n. 01, p. 127-134. Várzea Paulista, 2016.
- CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, v. 16, n. 1, p. 01-09. Rio Claro, 2010.
- FABRE, A. B. **A influência da pedagogia oriental das artes marciais na expressão de raiva de seus praticantes**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- FERREIRA, H. S. As lutas na Educação Física Escolar. **Revista de Educação Física**, n. 135, p. 36-44. Fortaleza, 2006.
- MAYER, C. H. S.; ANDRADE, P. N. **Os valores éticos das artes marciais e sua presença na prática**. Vitória: UFES, 2015.
- OLIVEIRA, J. A. A. Da agressividade à violência: um estudo de caso sobre a tendência antissocial na conduta da criança. **Polêmica**, v. 9, n. 2, p. 45-57. Rio de Janeiro, 2010.
- PACHECO, R. L. A influência da prática das artes marciais na redução da agressividade em adolescentes, nas aulas de educação física. **Polêmica**, v. 11, n. 3, p. 414-424, 2012.

PRADO, G. N. **O Karatê como conteúdo da Educação Física escolar** – uma revisão de literatura. (Educação Física). Porto Alegre: UFRGS, 2009.

RODRIGUES, N. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educação & Sociedade**, v. 22, n. 76, p. 232-257, 2001.

SANTOS JÚNIOR, C. L. **A formação de professores em educação física: a mediação dos parâmetros teórico-metodológicos** (Doutorado em Educação) Salvador, UFB/BA, 2005.

SAVIANI, D. e DUARTE, N. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, p. 422-433, 2010.

SILVA NETO, A. M. *et al.* **Guia didático artes marciais e esportes de combate**. São Paulo: Prefeitura Municipal, 2013.

SEVERINO, A. J. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e pesquisa**, v. 32, n. 3, p. 619-634. São Paulo, 2006.

SILVA, C. C.; VIANNA, J. A.; RIBEIRO, C. H. V. O processo de esportivização do taekwondo. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 108, p. 22, 2007.

TAFFAREL, C. N. Z.; SANTOS JÚNIOR, C. L. Formação humana e formação de professores de Educação Física: para além da falsa dicotomia licenciatura x bacharelado, *in*: **Formação em educação física & ciências do esporte: políticas e cotidiano**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2010.

TONET, Ivo. Educação e Formação Humana. **Ideação**, v. 8, n. 9, p. 09-21. Foz do Iguaçu, 2006.

TOZONI-REIS, M. F. C. e CAMPOS, L. M. L. Educação ambiental escolar, formação humana e formação de professores: articulações necessárias. **Educar em revista**, n. SPE3, p. 145-162. Curitiba, 2014.

UENO, V. L. F.; SOUSA, M. F. Agressividade, violência e Judô: temas da Educação Física em uma escola estadual em Goiânia. **Pensar a prática**, v. 17, n. 4. Goiânia: UFG, 2014.

VALADÃO, S. M. Reflexões sobre agressividade e violência na sociedade contemporânea. **Revista Transformar**, v. 1, n. 6, p. 78-91. São José de Itaperuna, 2014.